

A "MISSA"

232 RUBEM BRAGA

A NOTÍCIA mais importante é que o Zico chegou. Não explicou muito bem a que veio; depois de velho está o diabo a se fazer sentimental. Lídia Freitas vai publicar em Buenos Aires um novo romance, chamado "Ciudad-Pampa", que será o livro do mês.

Ontem tui ao Banco Boa Vista ver a "Primeira Missa" de Portinari. Fomos em grupo, e quando sentamos no sofazinho diante da grande tela uma senhorita ao meu lado apoiou-se em mim. Estava tonta, a ponto de desmalar. Providenciamos um copo d'água. Uns atribuíram a fraqueza da moça à escada em caracol, de Oscar Niemeyer; outros ao colorido de Portinari. Acho que foram as duas coisas.

Já tenho ouvido críticas (faladas, não escritas) ao grande painel. Dizem que o homem de Brodowski abusou de sua sapiência técnica, usando vários processos na mesma composição, tratando de maneira muito diversa cada grupo, e não sei o que mais. É notório que não entendo de pintura. O painel me pareceu de uma poderosa beleza, rico e dramático, impressionante. Impressionante no sentido de que impressiona realmente; de que dá vontade de a gente voltar muitas vezes para ver, pois de cada vez que olha a gente descobre uma beleza nova. Não tenho a menor dúvida: Candinho é hoje um dos grandes pintores do mundo. O Barão de Saavedra fez o melhor empate de capital de toda a sua carreira bancária.

A colocação do painel é que é ruim. A gente tem de entrar pelo banco, como se fôsse fazer um depósito. Depois tem de subir por uma escadinha, para a sobre-loja, como se fôsse pedir uma reforma de título. Mas não deve procurar o gerente nem os sub-gerentes em suas galolas de vidro. Deve voltar-se e olhar atrás do corrimão. O corrimão e uma coluna atrapalham um pouco a visão do painel.

Mas então a surpresa é maravilhosa. As fotografias não dão uma idéia nem remota do que está acontecendo ali. Há sujeitos vestidos com as cores das asas das borboletas mais imaginosas da mata da Tijuca e há, por exemplo, no fundo um pedaço de montanha que se fôsse cortado e enquadrado numa tela seria um dos grandes quadros abstracionistas do mundo, em suaves cores lisas. Cada grupo e, nos mais próximos, cada figura, é um achado plástico; e a luz atravessa os volumes e as cores, as solas das alpercatas inventam frisos, as cabeças são grupos de escultura patética. Não sei contar essas coisas; ninguém, de resto, saberia direito.

Concito os funcionários públicos, os comerciários, os industriários, os padres e as normalistas e os estudantes e toda gente a invadir o Banco Boa Vista, avenida do falecido Presidente Vargas, número 240 (entre a Avenida Rio Branco e a Candelária) para ver o painel. Quem não gostar, volte outra vez mais calmo; se quiser leve uma pequena matalotagem, fique espiando. De repente se sentirá numa clareira, numa pequena ilha baiana qualquer, entre frades e marujos e fidalgos, com muito sol, mar, montanhas, pesadamente ajoelhado por terra depois de muito tempo de mar, rezando. E tudo, ainda que patético, será uma extraordinária festa de luz e cores e linhas e volumes. Não deixem de ver! Gostarão! E se não gostarem, então paciência...

26.1.49